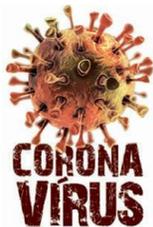




Pela primeira vez desde o início da pandemia, planeta ultrapassa a marca de 1 milhão de registros de infecções pelo Sars-CoV-2 em 24 horas. Na Europa, OMS teme que a variante ômicron, embora menos agressiva que a delta, aumente as hospitalizações

Recorde global nos casos de covid



Propagando-se a uma velocidade desvairada, sobretudo em países europeus, a variante ômicron do novo coronavírus explode as estatísticas de casos de covid-19. Acompanhamento realizado pela plataforma Our World in Data, vinculada à Universidade de Oxford, no Reino Unido, constatou que, na segunda-feira, houve recorde no registro diário da doença e também na média móvel. Segundo o monitoramento, não há aumento no número de mortos, estacionado desde outubro.

Num único dia, foram 1,45 milhão de infecções pelo Sars-CoV-2, deixando bem para trás a maior marca então contabilizada, de 905,8 mil contágios, em abril passado. A média diária de casos, considerando os sete dias anteriores, ficou em 854.603 casos — o recorde anterior, também em abril, foi de 827.255. De acordo com os especialistas, houve um salto de 49% em relação a novembro, quando a ômicron foi identificada na África do Sul.

Dominante na Inglaterra, na Suíça e na Holanda, a variante trilha o mesmo caminho em outros países da Europa e nos Estados Unidos, em meio às festas de fim de ano e do início do inverno. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) americano anunciou, ontem, após revisão de dados, que a ômicron correspondia a 58,6% dos casos de covid-19 no país na semana que terminou no sábado de Natal.

Alerta

Atenta à evolução da situação, o braço europeu da Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou ontem que a variante, apesar de ser menos virulenta do que a delta, deve provocar “um grande número de hospitalizações, especialmente entre os não vacinados”. Os primeiros estudos na África do Sul, na Escócia e na Inglaterra mostram que a ômicron parece causar menos internações, mas Catherine Smallwood, uma das autoridades da OMS Europa, pediu que os dados preliminares sejam considerados “com cautela”.



Profissionais de saúde examinam paciente isolado em hospital de Bochum, na Alemanha: países europeus aumentam restrições para conter disseminação da ômicron

A especialista destacou que os casos observados se referem, principalmente, a “populações jovens e saudáveis em países com altas taxas de vacinação”. Alguns cientistas vêm assinalando que um maior contágio pode anular a vantagem de uma variante menos perigosa. Além disso, não sabem se essa gravidade aparentemente menor advém das características intrínsecas da variante, ou se está relacionada ao fato de afetar populações já parcialmente imunizadas (pela vacina, ou por infecção prévia).

Diante das incertezas, os países tentam encontrar um equilíbrio para minimizar os danos econômicos e controlar o aumento dos casos. Ontem, a China, onde o novo coronavírus surgiu há dois anos, determinou o confinamento de centenas de milhares de cidadãos para conter um foco de covid, infimo na comparação com os números recordes de contágios registrados em países europeus e algumas regiões dos Estados Unidos. Moradores da cidade de Yanan receberam a ordem de permanecer em

casa, depois que mais de 200 casos foram registrados em todo o país, um recorde desde março de 2020. Em Xian, 13 milhões de habitantes estão em confinamento há seis dias.

Na Europa, vários governos tentam acelerar a vacinação das doses de reforço e aplicam novas medidas restritivas. França, Grécia, Portugal e Reino Unido registraram, ontem, novos recordes de infecções em 24 horas, respectivamente mais de 180 mil, 21 mil, 17 mil e 129 mil.

Fronteira fechada

A Finlândia decidiu barrar os viajantes estrangeiros não vacinados contra a covid-19, mesmo que tenham um teste negativo. Na Suécia e Dinamarca, países vizinhos, as autoridades exigem que os viajantes não residentes apresentem um teste negativo, além de estarem vacinados. A Austrália tem a mesma exigência.

Na França, o governo anunciou, na segunda-feira, que o passaporte

sanitário só estará disponível para as pessoas totalmente vacinadas e não será mais válido com um teste negativo recente. A medida entrará em vigor após aprovação no Parlamento. O certificado permite acesso a lugares como restaurantes, bares, cafés e cinemas.

Na Alemanha, que registrou a morte de um paciente infectado pela ômicron, novas restrições foram implementadas ontem, incluindo a limitação das reuniões a 10 pessoas entre vacinados e a apenas duas entre não vacinados. Também foi determinado o fechamento de casas noturnas; eventos esportivos serão realizados sem a presença de torcedores.

Além das restrições, a pandemia atingiu economicamente alguns setores, como o das viagens. Desde a véspera de Natal, cerca de 11,5 mil voos foram suspensos no mundo e dezenas de milhares sofreram atrasos em um dos períodos mais frenéticos do ano. Muitas companhias aéreas apontaram escassez de pessoal devido à onda de casos positivos pela ômicron.

» EUA liberam voos da África

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, decidiu levantar, a partir de sexta-feira, as restrições de viagem impostas a oito países africanos por causa da variante ômicron do coronavírus. “Já não são necessárias para proteger a saúde pública”, assinalou o chefe da Casa Branca em um decreto assinado ontem. A reabertura das fronteiras para África do Sul, Botsuana, Zimbábue, Namíbia, Lesoto, Eswatini (antiga Suazilândia), Moçambique e Malawi começará a partir de 00h01 do último dia do ano, no horário de Washington (2h01 em Brasília). A restrição foi determinada em 26 de novembro, “por prudência”, depois da detecção da ômicron na África do Sul.

DIREITOS HUMANOS

Suprema Corte russa manda fechar Memorial

Em decisão que arrancou críticas indignadas da comunidade internacional, a Suprema Corte russa determinou, ontem, o fechamento da fundação Memorial, a principal organização ligada aos direitos humanos do país e um símbolo da sociedade civil por sua defesa das liberdades. Defensores da ONG anunciaram que vão recorrer. “É uma decisão nefasta, injusta”, reagiu a advogada Maria Eismont.

Após o veredicto, lido rapidamente, várias pessoas gritaram “vergonha! vergonha!” no tribunal. Logo depois, a polícia expulsou apoiadores da Memorial e jornalistas do prédio da Suprema Corte. Pelo menos seis pessoas foram detidas, antes e depois do veredicto, segundo informações da agência de notícias France Presse.

Analistas consideram que a decisão contra a Memorial, de grande prestígio fora da Rússia, faz parte da repressão contra os críticos do Kremlin, que se acelerou ao longo deste ano, com fechamento de jornais independentes e

ONGs e do desmantelamento do movimento do opositor preso Alexei Navalny.

O embaixador dos Estados Unidos em Moscou, John Sullivan, denunciou uma “trágica tentativa de suprimir a liberdade de expressão e de apagar a história”, enquanto o Conselho da Europa lamentou uma “notícia devastadora para a sociedade civil”. O Ministério das Relações Exteriores da Alemanha considerou a determinação “mais do que incompreensível”.

“Um poder que tem medo da memória nunca alcançará a maturidade democrática”, destacou no Twitter a Memorial do campo de extermínio nazista de Auschwitz, enquanto a ONG Anistia Internacional denunciou um “insulto” à memória das vítimas dos campos soviéticos.

Por meio de um comunicado, a Memorial prometeu encontrar meios legítimos para continuar suas atividades. “Impugnaremos a decisão da Suprema Corte da Rússia de todas as formas possíveis. E encontraremos vias legais para continuar nosso trabalho”, assinalou

um trecho da nota.

No início de novembro, a Promotora russa pediu a dissolução da Memorial International, a estrutura-chave que coordena a rede da organização na Rússia, acusando-a de ter infringido, “de maneira sistemática”, as obrigações de sua condição de “agente estrangeiro”. Essa categoria designa organizações consideradas culpadas de agirem contra os interesses de Moscou, recebendo fundos estrangeiros.

Criada em 1989 por dissidentes soviéticos (entre eles, o Prêmio Nobel da Paz Andrei Sakharov), a Memorial iniciou um trabalho meticuloso de documentação dos crimes stalinistas e do Gulag — o sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos, presos políticos e opositores do regime em geral. Também investigou os abusos russos durante as guerras na Chechênia e, mais recentemente, a ação dos paramilitares do grupo Wagner, considerado o braço armado da Rússia no exterior. O Kremlin nega essa versão.



Policiais detêm apoiador da organização em frente ao tribunal: reação internacional